



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

609.9
M149NN

A 467321

1

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



O NOVO
ARGONAUTA;
POEMA

POR
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Plus ultra.



mesr

LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. ANNO 1825.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se na Loja de Francisco José de Carvalho
Estreito ao Pote das Almas.

MONO
ARGOMENTO

FORMA
M/43

FOR

JOSE AGOSTINHO DE MATEUS

1914



LISBOA

A TIPOGRAFIA DE S. CARLOS

Com Licença da Direcção da Imprensa

Deposito em Lisboa de 1914
N.º de 1914 de 1914

P R E F A C I O
D A
S E G U N D A E D I Ç Ã O.

SE os sentimentos que agora me animaõ fossem semelhantes aos que me animáraõ em 1809 eu procuraria dar ao Público para gloria da Pátria mais enriquecido este pequeno Poema. Se entaõ sentisse como agora sinto, nem assim mesmo pequeno appareceria. Em 1809 ainda se naõ tinha condensado sobre a minha cabeça a carregada nuvem de perseguições, e de affrontas com que me tem galardoado hum assiduo estudo das Letras, e hum invariavel, e heroico amor da Pátria: as accções que eu della podia celebrar, sempre ficariaõ manchadas com a barbara ingraticidaõ com que tenho sido tratado, fazendo-me esta ver, que os louvores que tenho dado á Nação Portugueza saõ outros tantos ultrages de que se tem desforrado com

injúrias. Neste pequeno Poema eu levantei hum
Padraõ á Gloria Nacional; mas elle foi hum
grito da guerra: neste ponto começou, e ainda
até agora me não tem concedido perfeita paz.

Pouca memoria tinha já deste meu antigo
trabalho, jazia para mim no mesmo desprezo,
e esquecimento em que permanece tudo, ou
quasi tudo o que eu tenho composto, filho tu-
do de huma infatigavel imaginaçãõ, e sem au-
xilios. He pequeno o volume deste Poema, po-
rém está cheio de tudo quanto nos fez grandes
aos olhos de todas as Nações da Terra; elle se-
rá huma próva successiva e permanente de que
podemos fazer grandes cousas se nos inflammar
mais o amor da Pátria, que o amor de huma
Filosofia desorganizadora, que perdida em Theo-
rias de hum Bello ideal, que he incompativel
com a condiçãõ humana, póde alterar, ou tal-
vez haja alterado a nossa natural nobreza, ou
nossa antiga virtude.

O mérito de hum livro, não consiste em o
número das paginas, e ha Livros de quem se
póde dizer o mesmo que dizia Estacio do He-
roe Tydeo, pequeno de corpo,

Maior in exiguo regnabat Corpore virtus.

Mui pequeno volume tem o *Enchiridion* de
Epicteto, e encerra em si quanto em si tem to-

da a Moral Filosofia, e o pequenino Livro de Balthazar Castegioni, cujo titulo he = *O Cortezaõ*, = contém mais principjos de illustrada Politica, que todas as Constituições dos Publicistas do passado Seculo. Revendo agora este esquecido Poema o descubro taõ farto de cousas substanciaes, taõ ataviado de enfeites Poeticos, que me obriga a consentir em huma segunda impressaõ, naõ para gloria minha, mas para beneficio alheio; desejando ao mesmo tempo augmentar na Posteridade as próvas de que amei a Pátria sem interesse, [pois que podia eu esperar de hum triste Mestre de hum pobre Caique do Algarve?] de que naõ lisongeei a soberba dos Grandes, e de que naõ tive outro Idolo mais que a Virtude, fosse qual fosse a condiçaõ em quem a encontrasse.



A Viagem portentosa, que o Tenente da Armada Real e Cavalleiro da Ordem de Christo, Manoel de Oliveira Nobre, se atreveo a fazer, atravessando o Oceano na sua maior extensãõ em hum pequeno Catque; he huma das acções, que farãõ E'poca na Historia Naval. O motivo desta acçãõ he ainda mais glorioso para os Portuguezes que a mesma acçãõ. Em toda a Historia de Roma se naõ póde marcar hum factõ, que prõve mais heroico Patriotismo, mais honra, mais lealdade, e mais virtude. Manoel de Oliveira Nobre he hum homem de huma coragem desusada, de huma constancia inflexivel, e de huma intrepidez a toda a prõva: só hum animo semelhante poderia emprehender em hum Catque taõ arriscada viagem. Eis-aqui hum effeito do amor da Pátria, e da verdadeira adhesãõ ao Throno

do nosso legitimo Imperante, e hum exemplo raro de fidelidade no meio do Seculo da corrupçaõ, e do imperio dos vicios, e bem capaz de envergonhar, e confundir muitos ingratos á infatigavel liberalidade, e boa graça do Principe Regente Nosso Senhor, que os encheo de tantos beneficios. Hum homem atégora incognito entre o vulgo, acompanhado de outros intrépidos, por meio de evidentes perigos, se expõe á morte para levar a S. Alteza, que Deos nos guarde, a grata nova da Restauraçã da Monarchia tão felizmente começada no Reino do Algarve: eu me consolo na mágoa de a não ter acompanhado, porque o não soube, com o prazer, ou com o dever patriotico de publicar esta aççã, que augmenta o catalogo dos rasgos -maravilhosos da fidelidade Portuguesa, e desta maneira a salvo do esquecimento, em que outros muitos tem ficado sepultados ou por incuria dos Escriptores, ou pela natural magnanimidade dos Portuguezes, que, pagos da consciencia das grandes açções, morrem com ellas sem curar da Posteridade, de que se fazem senhores quando as praticã. Em Portugal nunca faltãrã talentos capazes de escreverem ditos, e factos memoraveis; como Valerio Maximo, e de eternizarem as vidas dos Varões Illustres, como as eternizãrã Plutarcho, e Cornelio Nepos; mas não sei que

indolencia os conteve, talvez que a invencivel inclinação, que temos de admirar mais os Estrangeiros que os Nacionaes, nos torne insensiveis ás grandes proezas que temos obrado. A fatalidade do Seculo, em que existimos, parece nos condemna a maior e mais triste silencio; e huma das maiores desgraças, que nos causaráõ os insignes ladrões e perturbadores do genero humano, que intentaráõ nossa anniquilação, foi obrigar-nos a fallar delles: desejára ver abollida esta mania, e sepultada para sempre taõ atroz lembrança; e que aprendessemos a nos estimar a nós mesmos, conhecendo-nos em nossos antigos Escriptores, e admirando as acções de nossos Avosengos, celebrando as nossas, e persuadindo-nos que somos huma Nação, que obrou grandes cousas, e que he capaz de obrar ainda maiores, o que se próva com o exemplo da presente viagem, vendo nella que a corrupção Françeza nos não tem contaminado tanto, que nos não mostremos Herócs, quando a Pátria o pede. Bom seria que algum dos grandes Engenhos, que entre nós existe, se determinasse a escrever a nossa Historia Naval desde a primeira época de nossos immortaes descobrimentos. Se o meu talento iguallasse o amor e zelo, que tenho pela minha illustre Nação, e gloriosa Pátria ha muito que teria tomado esta empreza; e o meu Patricio, Jacintho

-Freire de Andrada, teria hum successor, e hum continuador: entã appareceriaõ factos muito antigos ao presente; e todas as Nações cultas, assim como nos invejãrãõ entãõ, nos admirariaõ agora, mas isto saõ vãos desejos; porque tudo está sepultado em huma baixa e vil tristeza, e apogado o sentimento, e amor da Litteratura. Eu entrarei pela sombra do tímulo com a mágoa inconsolavel de vér que muitos se pejaõ, e envergonhaõ da Litteratura pátria, e que se pagaõ unicamente dos superficiaes conhecimentos, que agora apparecem na lingua Franceza, cuja prática, e ensino tomãra vér abolido, e desterrado de Portugal, fechando-se para sempre a entrada a seus livros pestilenciaes, arrancando-os das mãos da juventude, que só desta arte se lhe pôde introduzir a moral no coração, e considerar-se com hum crime civil a pronunciaçãõ de huma só palavra Franceza. [1] Se o odio podesse ser huma vir-

[1] As ultimas frases que terminaõ este discurso saõ hum desaffogo da mágoa que nos causãrãõ os estragos da Pátria pela primeira invasaõ dos Francezes mal cuidava eu na que nos arruinou de todo em 1810 Os Francezes foraõ instrumentos passivos de que entãõ se servio a Seita para agrilhoar o Mundo. Elles o conheçãõ e por isso os ouvimos detestar as Revoluções.

- Este pequeno Poema está cheio de grandes bellezas e o Malvado meu perseguidor em huma Satyra que con

de, só quem com toda a alma aborrecesse os
 Francezinhos mereceria o nome de Portuguez, e de
 estuoso. [1]

tra mim imprimio em Inglaterra o abocauha entre mui-
 tos neste seu verso

„ *Poema em que o Heroe não diz palavra.* „

Como se em hum Panegyrico que a alguém se con-
 sagra costumasse este alguém fallar alguma cousa!! Des-
 de esta época até ao presente anno de 1823 ainda o *Mal-*
vado não deixou de perseguir-me, e insultar-me.

[1] Por não sahir differente esta da edição primeira,
 se conservão estas agras expressões, que hoje terião pou-
 co ou nenhum lugar.

O NOVO ARGONAUTA.

P O E M A.

DE hum feito illustre a perennal Memoria
Vale mais que hum thesouro, e mais que o Mundo;
He da Virtude o prémio, he recompensa;
E he dos grandes Heróes a palma, e louro,
Com que do Fado, e Morte as leis quebrantaõ.
Mas quem digno será de hum nome eterno?
Quem tem jus á memoria, e jus á fama?
Acaso o raio da sanguinea guerra,
Assombre dos mortues, e seu flagello,
Que no exterminio, nos estragos busca
Seu nome eternizar, subir ao Templo
Da Gloria, e da Virtude, em quanto a Terra
De sangue deixa, e lagrimas coberta?
Dos honros na lembrança existe o nome

De Alexandre, e Pompeo, de Mário, e Cesar
São lembrados dos seculos, e os memoriaes
Diluvio assolador, Contagio horrivel,
Que fez de Reinos, e Provincias, ermos.
Naõ são dignos da fama desses, que o Mundo
Trazem na confusã, no horror, no susto;
A quem louca ambição deslumbra e cega,
E cujas plantas os vestigios deixaõ,
Que deixa a tempestade, e o raio accessõ,
Quando rompendo, acatela das torres
Em pomposo edificio o fogo entorna,
Onde s'erguiaõ porticos soberbos,
Onde vastos salões, doirados tectos
Descobre a vista attonita, e confusa
Entre sulfureo fumo ardentes cinzas,
Nas mesmas cinzas, sepultar-se deve
O nome infausto dos Heróes da guerra.
Naõ sei prostituir o dom das Musas,
A quem da Natureza ultraja os fóros,
E contra a propria especie empunha o ferro.
Só com feitos illustres e fãmasos,
Que a virtude inspirou, e amon da Pátria,
Se acquire o jus á fama, o jus ao nome.

Parabens, Portugal, qu'entre teus filhos
Nunca a progenie dos Heróes se acaba;
Os mesmos inda são, que outr'ora, em Quinhã

Foraõ erguer no Indo , erguer no Gangés.
Os mesmos inda saõ , que o mar , - e o vento ,
As tempestades , os tufões vencêraõ :
Que , naõ cabendo nos confins do Téjo ,
Illustres Cidadãos do Mundo , foraõ ...
Seu Reino dilatar té donde surge
Do berço apavonado a roxa Aurora.
Os mesmos inda saõ , que as mais remotas
Nações com laço estreito unir souberaõ.
A quem naõ pode obstar do turvo Oceano
A medonha extensaõ , e o cêgo abysmo ;
Que em Lenho nadador dobrar souberaõ
A insuperavel méta , em que se oppunha
A' força dos mortaes a Natureza.
Sagres [1] , tu viste o vencedor primeiro
Do horrido Bojador deixar teu porto ,
Ir em fragil Batel vencer-lhe a furia.
Argonauta Gileannes , se teu berço

[1] Em Sagres começáraõ as primeiras tentativas dos
 espantosos descobrimentos , que eternizaõ , e abençoaõ a
 memoria do Infante D. Henrique. Estendêraõ-se primeiro
 pela Costa Occidental da Africa até ao Cabo de Naõ ,
 e Bojador. Julgava-se como impossivel sua passagem , e
 tinha dado lugar ao proloquio : Quem passar o Cabo de
 Naõ , ou tornará ou naõ. Mais de huma vez mandou o In-
 fante seus melhores Pilotos , que tornáraõ sem ultimar
 a empreza , até que hum Marinheiro natural d'Olhãõ , em
 huma pequena Barca , se atreveo a passar o Bojador , en-
 golfando-se tanto no mar para evitar a corrente das aguas .

Fôra a grande Albion, que Estatua, e Bustos
 As mais soberbas praças lhe adornáraõ!
 A Hollanda a levantou ao que primeiro
 Foi pescador do pequenino Arenque.
 E como a Historia, a Poesia houvéraõ
 Levado o nome teu da Fama ao Templo!
 Hoje nos versos meus o roubo ao Lethes;
 E a par do teu, do portentoso Dias
 Tambem o nome illustre aos Astros levo:
 Lagos o vio salir no Lenho ovante.
 O mais perfeito dos Monarchas todos,
 O segundo Joaõ, na Lusa Terra
 O Scéptro entaõ pacifico empunhava;
 De seus grandes Avós pizando a estrada,
 As portas quiz abrir do acceso Oriente,
 Dias o Cabo austral dobrou primeiro;
 [1] E vio primeiro a Adamastor a frente.

que houve vista do Cabo das Palmas até chegar defronte da Serra Leoa; chamava-se este Marinheiro Gileannes; a este homem incognito se devem taõ vastas possessões por toda a Costa d'África, que depois se adiantáraõ ainda mais, até que Diogo Caõ, tambem Algarvio, descobriu o Reino de Congo.

[1] Bartholomeu Dias natural de Lagos por mandado de D. Joaõ o II. se aventurou a descobrir, e a passar o Cabo da Boa Esperança; e segundo as instrucções que levava deixou na Terra de Natal, e junto á Aguada de S. Braz aquelles padrões, que depois achou o Conde *Almirante D. Vasco da Gama*, quando no anno de 1497.

Deixou lá seus padrões marcando o trilho,
Por onde hum filho teu, Silves, devêra
Ir erguer no Industaõ pendões de Lysia.
Berço de Heróes, Algarve, inda não falhaõ
Em ti do mar illustres vencedores!
Talvez ignore o frígido Tamisa,
E o Sena transformado em sangue e luto,
Que o Atlantico mar banhe a pequena
E mal sabida Olhaõ: he esta a Pátria
Do novo Heróe, do vencedor dos mares
Co'as frageis armas d'hum Batel pequeno;
Cuja façanha audaz deixa esquecidos
De Americo, e Colombo o nome, e os feitos.
Impávido mortal, sem medo á morte,
Ousou, que assombro! do profundo Oceano,
Onde em mór extensaõ seu Reino ostenta,
Cortar as vagas túmidas, e bravas.
Não conduzido em Lenhos alterosos,
Onde a raiva mortal das éneas boccas
Com medonho trovaõ vomita a morte;
Mas em debil Caíque [1] a quem do vento

levando consigo o grande Astronotno Pedro d'Alenquer, e o Piloto Joaõ de Coimbra, que tinha os roteiros de Bartholomeu Dias, descubrio a India.

[1] Todos conhecem o tamanho, e a construcão de hum Caíque; não he precisa muita prudencia para se não arriscar nelle em huma viagem do Algarve para Lisboa.

Podéra hum sópro sepultar no abysmo,
Onde apenas sulcando ao longo a Costa,
Nem Zargo [1] indagador se engolfaria,
Tanto no vasto mar, que a doce terra
Perder da vista espavorida ousára.
Quem, magnanimo Heróe, té agora ignoto,
Quem te anima e conduz? Acaso a sede,
A infausta sede do metal luzente,
Fonte antiga de crimes, e desgraças,
Que outr'ora fez sabir da praia Hesperia
O façanhoso Almagro [2], que profana
Primeiro o vasto mar, depois a terra;
Para arrancar-lhe do profundo seio
Desgraçada riqueza? Acaso vòas
Por cima dessa líquida campina,

em tempo de Inverno, e nesta embarcação se aventurou o grande Piloto Manoel de Oliveira Nobre a passar o Oceano, e chegar ao Rio de Janeiro. Caso único na Historia Naval de todos os Póvos.

[1] Joaõ Gonçalves Zargo descobriu a Ilha da Madeira nos dias do Infante D. Henrique, mas navegando em huma Caravella.

[2] Diogo de Almagro foi hum dos máis ferozes, e extraordinarios Hespauhoes, que passáraõ á America no tempo dos descobrimentos, e conquistas. He bem conhecida a horrivel dissençaõ entre os Almagros, e Pizarros; este homem ferocissimo sahio de Palos em huma pequena embarcação, chegou com espanto de todos á Ilha de São Domingos, e foi tomar o commando dos Hespauhoes no Perú; dalli emprehendeo a conquista do Chili no anno

Que a vista crê que ao Ceo se apega sempre,
 Novas terras buscar, ou novo Imperio,
 Qual foi pelo pacifico Oceano,
 Cook atrevido inquietar tranquillos
 Homens da Natureza? Ou vaõ capricho
 Acaso te livrou de vêr quaes eraõ
 Os costumes, e as leis de estranhas Ilhas,
 E de que plantas a fecunda terra
 Debaixo d'outro Ceo se cubra, e vista,
 Qual já foi Lá Peirouse, a Deos-eterno
 Dizendo ao doce lár, dizendo á Europa?
 Em ti foi só Virtude; e se hum renome
 Merece a tua acçaõ, merece altares
 O motivo dá acçaõ. Régulo expira,

de 1534, e passou a Cavallo as Cordilheiras, ou Andes, as mais altas montanhas do Globo, que fôrmaõ huma cadeia de mais de 1200 leguas de extensaõ desde o Isthmo de Panamá até ao Estreito de Magalhães, e separaõ o Perú do Chili correndo de Norte a Sul. Zarate na Historia da Conquista do Perú Livro III. Cap. II. nos diz, que quando o terrivel Almagro passou estas montanhas, lhe morrêraõ de frio muitos dos seus soldados; e quando as repassou cinco mezes depois na força do Estio, achou seus corpos ainda de pé encostados aos rochedos conservando os cavallos pelas rédeas, e taõ frescos como se antes poucos momentos houvessem expirado, cuja carne, diz o Historiador Hespanhol, servio de sustento a Almagro, e aos outros Soldados que o acompanhavaõ. A causa desta incorruptibilidade he inteiramente fysica. Estas montanhas, pela sua excessiva

Por sustentar hum juramento dado :
 Curcio se arroja na voragem funda ,
 Julga salvar a Pátria ; e naõ fizeraõ
 Quanto fizeste tu. Põde em teu peito
 O amor da liberdade , o amor do Throno ,
 Tanto , que ousaste aventurar a vida ,
 Indo bradar á America assustada ,
 Que o grilhaõ se quebrou , e a vil Cohorte
 Dos assassinos Vandalos fugira .
 E que a Pátria de Heróes , o Algarve põde
 [1] Primeiro agrilhoar-lhe a cerviz dura ;
 Primeiro erguer da liberdade o grito .
 Foste entornar no virtuoso peito
 Do Magnanimo Principe em torrentes
 Consoladora paz , doce alegria .
 Foste dizer que a tricolor bandeira
 Cahio desfeita c'o tremendo golpe ,
 Que o Dragaõ Luso desfechou das garras .

elevaçãõ, saõ inacessiveis á chuva, e ao calor, principio da putrefacçãõ nos corpos organizadõs.

[1] O primeiro grito de nossa liberdade, e restauraçãõ souo no Algarve. A pequena Revoluçãõ, começada na praia de Olhaõ, se derramou por todas as Cidades, e Villas daquelle Reino, e tomou sua verdadeira consistencia pelas sábias e muito politicas disposições do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez d'Olhaõ, hoje hum dos cinco Governadores do Reino. O Marechal *José Lopes de Sousa* teve huma grande parte nesta ac

Que a Pátria respirou , que a nuvem densa
 Da tristeza , e de horror se dissipára.
 Que as abundantes lagrimas vertidas
 Na já serena face , se enxugáraõ.

Mas quando na tua alma o grito ouviste ,
 Que te dava a Virtude , e o graõ projecto ,
 Teu coração pulsou , quando pizaste
 De Olhaõ as praias húmidas , e foste
 Teu Batel demandar , naõ viste os filhos ,
 Que para ti seus braços estendiaõ ?
 Naõ lhes ouviste a voz trémula e froxa ,
 Com que te chamaõ Pai ? E naõ suspendes
 A taõ triste espectaculo teus passos ?
 Virtude pôde mais que a Natureza ;
 Que o paternal amor mais pôde a Pátria.
 Homem raro , e sublime , ah ! tu disseste ;
 Antes que eu fosse Pai , nasci Vassallo :
Mais que aos filhos , á Pátria a vida eu devo :
 Já suffocaste a voz da Natureza ;
 Mas naõ te espanta vêr , que dubia estrada
 Tens de seguir no pequenino Lenho ?
 Sabes que o Porto , que demandas , fica
 No opposto Continente , e que dos olhos

gloriosa , e que occupará hum digno lugar nos Fastos da
 Monarchia Portugueza.

Te ha de fugir o lúcido Cruzeiro ?
 Acaso ignoras que na justa Linha,
 Que em porções taõ iguaes divide o Globo,
 Te espera a tempestade, horrenda, e fêa,
 O trovão bramidor, e o raio acceso ?
 O crepitante horrisono chuvaire,
 E a suffocante, e triste calmaria,
 Que no espelhado mar teu Barco prenda ?
 Que dentro, e fóra revoando a Morte,
 Ora ás mãos da doença, ora da fome,
 Te quebre o fio da mortal carreira ?
 Tu não vês que mal póde o fragil Lenho
 As furias contrastar do vento irado ?
 Que bem póde o Tufaõ caliginoso,
 Senaõ metter-te no profundo abysmo,
 Levart-te a seu sabor a hum clima estranho,
 Onde teu nome sepultado fique,
 Nome taõ digno de existir na Terra ?
 Não vás, não vás, Heróe, qu'em grandes feito
 Basta a vontade, para ser eterno.
 Já deste o nome á Patria, a Lusa Historia,
 Ao tempo que he por vir, dirá qu'existe
 Olhaõ, que o berço déra ao Genio illustre,
 Que óusou dizer aos homens assombrados
 Que em pequeno Caique ao Mundo iria,
 Por tanto tempo incognito aos humanos:
Onde se esconde o Sol, onde o Monarcha,

Que as furias illudio do infausto Monstro ,
[1] Que hoje o Danubio c'as voluveis ondas ,
Já prostrado huma vez , aneia , e aperta ,
Conserva a independencia , a Pátria , o Throno.
Suspende-te , naõ vás , tens feito tudo :
He tua a Gloria , eterno o teu renome.
[2] Acaso és Cesar tu , que julga nada
O que tem feito c'o valente braço ,
Se alguma acção heroica inda lhe resta ?
Acaso tu suppões , qual elle outr'ora ,
Quando em pequena barca o mar talhava ,
Que d'alta Hesperia o Illyrico divide ,
Que a Fortuna a teus pés preza conservas ?
Nada suspende hum animo constante.
Nada sabe temer quem busca a gloria ,
Pelos caminhos da Virtude austéra.
Forra-lhe o peito triplicado bronze
Impervio ao susto , que se apossa d'alma
Em vêr do mar azul o campo immenso ,
Em altas serranias transformado.
Chega o momento , a recurvada praia

[1] Hoje 25 de Junho de 1809 se annunciou na gazeta de Hespanha a derrota do Exercito Francez junto a Vienna a retirada de Bonaparte a huma Ilha do Danubio. Este acontecimento , marca a época desta composição. (O contrario se vio depois.)

[2] *Nihil actum reputans , siquid supercesset agendum.*
 — Caesarem velis. —

Toda de Povo attonito se cobre ,
[1] Qual de Rastelo pela molle areia
Da Real Olisippo o immenso povo
N'outras éras se vio , quando o terrivel
Gama , largando a véla ao solto vento ,
Foi demandar da Aurora o berço intacto.
As retorcidas ancoras suspende
Co'a naõ trémula maõ , da branca véla
Elle as prizões soltou , e immovel sempre
Aos olhos nem sequer lhe assoma o pranto.
O ligeiro Baixel já corta as ondas ,
Hum longo e branco sulco atrás deixando ,
Pòs no escuro Occidente a altiva pròa.
E quando á vista se roubou de todo ,
E os fitos olhos de o buscar cançáraõ ,
Nem já , qual ponto escuro , apparecia
N'Horisonte do mar , que amargo choro
Se ouviu soar nos montes sobranceiros
A' líquida planice ! as Mãis , e Esposas ,
Desgrenhando o cabelo , aos Ceos alçáraõ
Mavioso grito , que a Celeste Guarda
Em soccorro chamou. Prendem-se os ventos ,
Brilha sereno o Ceo , calaõ-se as ondas.

[1] No momento da partida do Vasco da Gama se observou na praia de Rastelo [hoje Belém] hum espectáculo de todo novo na Europa. Os parentes, os pais-
os amigos dos que embarcavaõ envoltos em lagrima

Seja-lhe o mar propicio, e as furias guarde,
Guarde a morte as horrisonas tormentas
Para os monstros crueis, que nutre a Gallia,
Que enchendo a Terra de fataes estragos,
Inda a céga ambição pequena a julga
Para theatro do sanguineo Marte:
E entre as ondás buscar vai novo campo,
Onde entregue mais victimas á morte,
Pondo-se frente a frente em curvos lenhos,
Co'as negras boccas imitando ousados,
No estampido o trovaõ, no golpe o raio.
Este Heróe leva a paz, naõ leva estragos;
Vai enxugar as lagrimas de tantos:
E no seu coração conduz a Pátria,
Das almas nobres, nobre electricismo,
Nume de hum Povo Rei, que ao Tybre outr'ora
Fez curvar de respeito o turvo Oceano,
Da mortal vida o círculo alargando
Accões obrou, que a humanidade illustraõ.

[1] A Princeza do mar, que a altiva fronte

no silencio da obstupefacção sobre huma viagem taõ incerta; a melhor passagem da Lusíada he a prosopopéa do Velho.

[1] A primeira derrota, que seguiu o grande Piloto Mancel d'Oliveira Nobre, foi a da Ilha da Madeira; aqui se refez d'agoa, e mantimento para a longa navegação, e levou consigo hum Joven Piloto, que tinha já

De vicejantes pámpanos corôa ,
 Se mostra ao longe ao Nauta naõ turbado ;
 Leva o ignoto Baixel prodigios dentro ,
 Que d'alto assombro os Incolas enchêraõ
 Da viçosa Madeira. A's praias correm
 Arqueado o sobrolho, a bocca muda,
 O graõ prodigio extaticos admiraõ.
 Mal o confuso espirito acredita
 A nova scena, que descobre a vista.
 Solta de novo ao vento a larga véla,
 E o remoto Brazil o Heróe já busca :
 Nunca delle trilhado incerto campo.
 Aos olhos imperterrito se mostra.
 O giro segue ao Sol, e mal segura
 Estimativa na derrota segue.
 He seu fanal heroica álta virtude,
 Indomavel esforço, amor da gloria.
 He-lhe incognito o mar, qual se mostrára
 Do guerreiro Cabral outr'ora aos olhos,
 Que do acceso Equador cortando o clima
 Nova estrella Pollar no Sul descobre,
 E a fúlgida Corôa em Ceo naõ visto.

feito a carreira da India, lembrando-se, como elle me
 mo me disse, que poderia adoecer, ou morrer, - e ne
 caso conservar a existencia dos que consigo levava, q
 como pescadores d'Olhaõ nunca tinhaõ perdido de vi
 as *Costas de Portugal.*

Entaõ toldado o líquido Horisonte.
 De acasteladas nuvens, brame o vento,
 Sôa o rouco trovaõ, lança a tormenta
 Sobre hum mar outro mar, sorvem-lhe as ondas
 O cõvulso Baixel, de novo aos ares
 As encruzadas ondas o vomitaõ:
 Em horrida peleja os Elementos
 Em cada vaga a sepultura mostraõ.
 A prematura noite os Ceos envolve
 N'huma espantosa escuridaõ, e apenas
 Ao fuzilar do rápido corisco,
 Mostra-se o Mundo repentino, e foge.
 Nem onde existe sabe o Heróe valente:
 He ludibrio das ondas, e dos ventos.
 Em quanto sôa a negra tempestade,
 Sem que hum palmo de véla aos ares mostre,
 Implora a Providencia, e na justiça
 Da nobre causa as esperanças firma.
 Té que quasi ao romper nos Ceos a Aurora
 Hum da companhia intrépida lhe bráda,
 Que vê mais claro o mar, e ondas mais brandas,
 Quaes junto á Costa as agoas se prateiaõ;
 Mas quando o Sol surgio, que assombro, e susto
 Do navegante audaz quebranta o peito!
 Naõ longe a Terra vio, e estranhos montes
 D'entrelaçadas arvores cobertos:
 A terra naõ conhece, eis se lhe mostra

Boiando ao longe rápida canôa,
 Que mal divisa o combatido Lenho,
 Vem de voga arrancada ao fragil bordo.
 Entaõ sabe dos negros remadores,
 [1] Que da agreste Caiena as agoas corte;
 Foge á terra cruel, e á praia avára
 O' Nauta invicto, que os feroces Tigres
 Inda pizaõ seu barbaro terreno;
 Inda que o raio Portuguez já vâo
 A fazer-lhes sentir pezados golpes.
 Tens descoberto a America buscada;
 Demanda agora o suspirado porto,
 Fim da fadiga tua, e teus desejos.
 Eis nova Empreza, e desusado arrojo
 Correr ao longo no pequeno Lenho
 A vasta Costa do Brasil inteiro!
 De alto louvor hum peito cobiçoso
 Naõ receia os vaivena da instavel sorte,
 Nem ha fragosa estrada ou invio atalho,
 Que naõ possa vencer Virtude, e Pátria!
 Volve a prôa outra vez; se o vento falha,

[1]. Como o Piloto Manoel d'Oliveira Nobre
 era prático na carreira do Brazil, e tinha deixado
 Lisboa as suas Cartas Hydrográficas, dirigia-se por hu
 estimativa muito incerta, sendo seu maior cuidado
 servir a direcção das correntes do Oceano, e diri
 o rumo do Caique conforme estas correntes. A prime
 terra que avistou, depois de hum grande tempo

Se as lisongei ras áuras escacéaõ ,
Varrem o mar c'os alutados remos.
Elle o timaõ dirige , e anima a todos
Só c'hum volver dos olhos onde assoma ,
Virtude , intrepidez , e amor da gloria.
Acha tranquillo o mar , galerno o vento ,
Té que entestou c'o penhascoso marco ,
A natural pyramide , que sobe
Do fundo seio aos ares dilatados
Na foz do quasi anfitheatro immenso ,
Que mostra aos olhos o Real Janeiro.
Entaõ despréga da boiante poppa
O Estandarte fatal , onde esculpidos
Vaõ os signaes da Redempçaõ do Mundo.

Hei mister outra voz , éstro mais alto ,
Outro fogo que escalde a fantazia ;
Outros pinceis insolitos que tracem
O desusado quadro . Apenas sôa
[1] A voz da Fama nos doirados Paços ,

foi a Caienna entaõ Franceza , tornou a fazer-se ao lar-
go e buscar a altura de Pernambuco onde aportou ,
vindo depois com penosa viagem ao longo de quasi to-
da a Costa do Brazil demandar o Rio de Janeiro.

[1] O Piloto Manoel d'Oliveira Nobre foi recebi-
do no Rio de Janeiro com aquellas demonstrações , e
applausos que merecia huma acçaõ taõ heroica , inspi-
rada pelo Patriotismo , e por elle conduzida : acçaõ de
que se não acha hum só exemplo , quando se considera

E do Monarcha enternecido á vista
Taõ estranho espectaculo se mostra,
E o vacillante Barco as praias toca;
E desde a poppa o triunfante Nauta
Alça a voz, e annuncia a liberdade,
E dà Pátria o grilhaõ quebrado e roto.
Nunca no peito humano affectos tantos
Entráraõ de huma vez! D'hum lado, assombri
De vêr domado o tímido Oceano,
Vencida a estrada perigosa, immensa
Por hum mortal, que as ondas assoberba
Em taõ pequeno Lenho; e d'outro lado
Da libertada Pátria a imagem dóce,
Dos Vassallos o amor ao Throno Augusto,
Com caractéres immortaes expresso
No graõ Navegador, que ao Soberano
Da victoria immortal conduz o brado,
E a scena expõe da mísera derrota
De avarentos, cobardes oppressores.

a pequenez da Embarcaçãõ, em que este grande home se atrevo a passar o Oceano na sua maior extensa Foi recebido por S. A. o P. R. N. S. com muita s tisaçaõ, por entre vivas, e admiraçãõ da Corte: f condecorado com a insignia da Ordem Militar de Ch ato, e com a Patente de Tenente da Armada Real, seus companheiros igualmente condecorados com hur medalha de honra ganhada em huma açcaõ, que assoi bra a presente idade, e assombrará a futura.

Os Britannos magnanimos observãõ
Do Nauta patriota a audaz façanha.
Como potentes árbitros dos mares,
E a quem naõ resta incognito hum só clima,
Com carregada sobranceira admiraõ
A portentosa audacia; que obscurece
Quanto em seus Fastos a naval Historia
De grande e memoravel apregõa:
He mais vadear o tímido Oceano,
Onde mór extensaõ divide os Mundos
N'hum estreito Caíque apenas apto
A' pescaria litoral, que a volta,
Que Dracke [1] deo primeiro ao mar, e á terra,
Em artilhadas Náos; e he mais que o longo
Giro, que fez no mar em Lenho altivo
Anson, que as armas leva ao Mundo opposto.
Tudo o que vêm no illustre navegante
Britanno se lhe antolha: o amor da Pátria,

[1] O primeiro circumnavegador entre os Ingleses foi o Almirante Francisco Dracke, que embccando o estreito já descoberto por Fernando de Magalhães fez o giro inteiro do Globo, vindo para a Europa pelo Cabo da Boa Esperança. O Almirante Anson he tambem hum dos famosos navegadores Ingleses antes de Cook, a quem Buffon chama o maior de todos. Anson fez o giro do Globo, porém o motivo da sua longa viagem foi puramente politico e militar. Faz muitas descrições de diversas paragens, e mostra nas suas viagens, que naõ só he bom navegante, mas bom observador.

O desprezo da morte, incontrastavel
 Peito, que affronta as lúgubres tormentas;
 Que julga lár tranquillo, e doce alvergue,
 O que he da morte, e dos tuões imperio
 Britanno não he só; que a Lusa Terra
 Tambem he Pátria das accões sublimes.
 Foi seu do vasto mar primeiro o Imperio;
 E se o Tamisa triunfante estende
 O nautico Tridente aos fins do Globo,
 Ao Luso deve o trilho em vaõ tentado
 [1] Antes d'outra Naçaõ. Se foi Colombo
 Descobrir remotissimas Antilhas,
 De hum Nauta Portuguez segne o roteiro;
 Escondido depósito, que a morte
 Deixou nas mãos do Ligure ditoso.

[1] Christovão Colombo Genovez, e nativo de Savona, segundo dizem, residio muitos annos em Lisboa, e daqui começou suas primeiras tentativas nos descobrimentos de ultramar. Foraõ rejeitadas na Corte as proposições que elle fazia para o novo descobrimento, passou entaõ ao serviço d' Hespanha, e lá se lhe deraõ as embarcações que pedia. He tradiçaõ entre n'os que existindo Colombo na Ilha da Madeira em casa de hum Piloto Portuguez, pela morte deste se apoderára de seus papeis, cartas e roteiros, onde achára a derrota da viagem para o Occidente, e de que se servira no seu descobrimento. Outros dizem que devêra as mais importantes instrucções para esta grande empreza a hum Piloto Biscaíno, que em companhia de alguns Portuguezes, levado de hum grande temporal, houve primeiro vista da Ilha da Cuba.

[1] Se Cadamosto intrépido se entranha
 Mais pelo escuro occaso, e o Continente
 Dos desgraçados Incas vasto Imperio,
 Primeiro demandou; da foz do Téjo
 Sahio no curvo Lenho, e a Luso esforço
 Deve a conquista, deve a descoberta.
 E Americo tambem, qu'a hum Mundo ignoto,
 O nome seu foi dar, que inda conserva,
 Deixando as praias do ceruleo Téjo,
 Piloto Portuguez conduz seus vãos.
 De Lysia he producção, de Lysia estudo,
 O seguro Astrolabio, o certo Oitante,
 Na immensa solidaõ do mar fremente,
 Fanal, que aclara a sombra, e marca a estrada.
 Das ondas mede os Ceos, e observa os Astros;
 Do Sol conhece a altura, e conta os passos;
 E sem falhar no líquido caminho,
 Ao menos marca ao certo a Latitude.
 Lusitanos Hebreos, e o Grande Henrique [2]

[1] Jeronymo Cadamosto veio tambem a Portugal, e guiado de Pilotos Portuguezes fez seus descobrimentos de tanta utilidade para Castella. Americo Vespuzio Florentino viveo, e morreo em Portugal, e está sepultado na Sé de Lisboa. Não se atreviaõ a navegar, e descobrir, sem Portuguezes.

[2] O Infante D. Henrique, a quem Portugal, e o Mundo devem tanto, fundou em Sagres huma Escola para facilitar aos navegadores os meios de fazerem desco-

Primeiro o rumo aos Nautas acertáraõ,
Sobre a carta naval traçando as linhas
Entre si parallellas, e cortadas :

brimentos pelo Oceano. Depois que seu Pai D. Joao conquistou Ceuta começáraõ os navegadores Portuguezes a se estender pelas Costas de Africa. O Infante tinha consigo dois Mathematicos Hebreos. [Mestre José, e Mestre Rodrigo.] Foraõ elles os primeiros que construíram Instrumentos, com os quaes os Pilotos se pudessem conduzir em mar largo observando os Astros. As nossas Historias, que desprezáraõ sempre a parte litteraria, e scientifica da Naçaõ, naõ nos dizem que Instrumentos estes; sómente declaraõ que o Infante dera aos Pilotos muitos Instrumentos para tomar e determinar a latitude; sei que entre elles se contava o Astrolabio e Nocturlabio. Este ultimo servia para determinar quanto a Estrella do Norte andava mais baixa, ou mais alta do Pólo, e que horas eraõ da Noite. Com o Astrolabio se tomava a altura dos Astros. Eraõ sem dúvida deficientes estes Instrumentos no seu princípio; mas he he grande brazaõ para os Portuguezes, que o latrocínio e orgulho Francez tratou ha pouco de estúpidos, com imaginado meios de resolver os mais difficultosos Problemas nauticos, pois he indubitavel que a invençaõ do Astrolabio e Nocturlabio he puramente Portugueza. Isto no tempo, em que os Francezes e Inglezes viviam envoltos nas trévas da mais grosseira ignorancia e barbaridade. Os navegadores Portuguezes animados e illustrados com estas Instrucções corrêraõ, e conquistáraõ toda a Costa da Africa, descobriáraõ a America, e alcaõ a desejada passagem para as Indias Orientaes. Os primeiros successos dos Pilotos do Infante D. Henrique satisfizeraõ tanto os Judeos, José, e Rodrigo, que o primeiro no Mundo formáraõ o projecto, e concebêraõ a idéa de construir cartas marítimas. Sabiaõ que haõ das grandes difficuldades em a navegaçaõ eraõ

Arte rude, quaes todas no começo,
Hoje á suprema perfeição levadas;
Mas deve a origem sua ao Luso engenho,
[1] E hum Lusitano se lembrou primeiro

rumo, que se devia seguir para chegar ao lugar destinado. As Cartas Geograficas, já então eraõ conhecidas, porém eraõ nullas em a navegação; porque nestas Cartas os Meridianos se unem aos Pólos. Ora neste caso o rumo do vento, ou a derrota do navio, devia cortar todos os meridianos debaixo de hum mesmo angulo. Isto eraõ linhas curvas, e as linhas curvas não podem fazer conhecer a derrota que o navio deve seguir. Para salvar este inconveniente os dois Mathematicos, sem o enfiã intoleravel das modernas cabeças calculantes, imagináraõ Cartas, cujos Meridianos fossem em linhas rectas e paralellas, e por este meio os rumos do vento, formados por linhas rectas, cortáraõ todos os Meridianos debaixo de hum mesmo angulo. Suppozêraõ nesta construcção que o mar era huma superficie plana, sem contar com a diminuição dos grãos de longitude á medida que se aparta do Equador; diminuição que provém da esfericidade do Globo terrestre. Esta supposição era hum erro mui consideravel em huma grande Carta: com tudo não se pôde roubar aos Portuguezes a gloria da invenção. Tudo isto permanece esquecido entre nós. Sempre desprezamos as proprias riquezas para nos deixarmos embair das missangas estrangeiras: he tal a nossa incuria, ou indifferença que, existindo em Coimbra o famoso instrumento chamado o Nonio, construido por Pedro Nunes, (homem que adivinhou a Astronomia moderna, e que determinou a verdadeira causa dos crepusculos, e Aurora Boreal), como era de bronze, derretêraõ-no, e fizeram maçanetas para as grades de ferro da escada do Collegio dos Padres Bentos!!!!

[1] Da Historia Portugueza não nos consta desta invenção, nem sabemos o nome do seu author. Na Historia

De medir, calcular, que espaço corra
No solitario mar nadante pinho,
Invento, que inda segue, inda respeita,
Douta Europa no seculo das luzes;
Com taes soccorros, Nautas Lusitanos,
Foraõ dos mares subjugar o imperio:
Quando o Bretaõ profundo, e o Gallo ousado
Naõ se attreviaõ no boiante Lenho
Doce praia natal perder de vista.
Foi com elles o Gama além da méta,
Que nunca atrás deixou nautico esforço
Colher no Indo, e Hydaspe eternos louros.
Deixando já vencido, e já domado
O promontorio austral d'Africa adusta,
Solio eterno do vento, e das tormentas,
Que em aureos versos o Cantor do Téjo
Transformou n'hum Gigante horrendo e feio,
Que desgraças fataes ao Nauta agoura;

dos progressos do engenho humano nas Sciencias exactas
II. vol. pag. 217 se lê que o instrumento se chama a
Barquinha, e seu author Bartholomeu Crescencio, o sobre-
nome naõ parece Portuguez; mas os superficiaes France-
zes saõ miseraveis em escrever os nossos nomes, inver-
tem e pervertem tudo. Entre nós esqueceo, assim co-
mo esquece que o primeiro Aeronauta foi Bartholomeu
Lourenço de Gusmaõ, que morreo no Hospital de Se-
vilha, e que o primeiro explicador da hypothese de
Newton sobre o fenómeno das marés se chamava Bento
de Moura, e morreo no Forte da Junqueira.

Quando abáixando o musculoso braço ,
Donde pendentés tinha as aureas chaves
Do lúcido Oriente , ao Nauta ousado
Submisso as entregou , e avante passa
Deixando para sempre a estrada aberta
Aos Heróes , qu'após elle ao Ganges foraõ
Entre palmas erguer Pendões de Lysia ,
E com brado immortal de illustres feitos
Encher o Mundo , e despertar a inveja
Nos Póvos Europeos , e amor da Gloria.
Quem foi o que animou , e encheo de fogo
Hum Bougainville a audaz , Cook arrojado ,
Tres vezes a fornar do Globo o giro ?
Tu foste , ó Magalhães [1] , teu nome illustre
Adora o tempo , as regiões conservaõ.
Elle o canal navífrago annuncia ,
Por onde a medo , tacteando as ondas ,
Mal se atrevem passar Baixéis Britannos.

[1] Ninguém ignora o nome de Fernando de Magalhães , natural de Braga , onde inda vivem descendentes seus. Este homem raro , tinha feito a viagem da India ; era hum grande observador , e tinha todos os estudos daquella idade , ajudados de grande valor e constancia , que se requer para novos descobrimentos no mar. Por seus serviços e nobreza , pediu mais hum tostaõ de moradia , como tinhaõ os do seu foro , foi-lhe negado este tostaõ , porque na moradia o igualava a outros , que se julgavaõ mais nobres , e maiores que elle. Tomou desta supposta affronta a mais estrondosa viangaça , que vio o Mundo.

Magalhães immortal primeiro a volta
Do Globo inteiro fez, pasmoso esforço,
Que excede o vô das Romanas Aguias,
E que do Joven Macedonio mostra
Ser pequena a ambição, ser nada a gloria!
Da praia Occidental largando as vélas
Foi, émula do Sol, a Náo triunfante
Do Atlantico mar varrendo as ondas,
E com propicio sopro a extrema ponta
Tocou do novo Mundo, ousando a ignota
Estrada commetter de hum mar, que nunca
De Lenhos Europeos cortada fôra.
Tanto o Gama não fez; e era já visto
Do graõ Nauta Algarvio [1] a austral baliza,

desnaturalizou-se, e se passou ao serviço de Castella, offerecendo-se a achar huma passagem pela America para as Philippinas e Molucas, o que conseguiu, descobrindo o estreito que ainda conserva seu nome; e desembocando por elle no Mar pacifico morreo em huma das Ilhas dos Ladrões; e a Náo Victoria em que tinha navegado, dando a primeira volta ao Globo, tornou a entrar em Sevilha, donde tinha sahido. Levou em sua companhia hum Astronomo chamado Francisco Faleiro, cuja Pátria se ignora, este aperfeiçãoou o Astrolabio, e mostrou em huma Carta que formára a derrota que devia seguir, e entãõ Carlos V. em Saragoça lhe acceitou a offerta, e lhe mandou as Embarcações que se apromptáraõ em Sevilha.

[1] Bartholomeu Dias tinha passado o Cabo da Boa Esperança no Reinado de D. Joã II. e hum dos Pilotos que acompanhavaõ o Conde D. Vasco da Gama; havia ido com Bartholomeu Dias.

E além della os padrões tinha deixado.
E Magalhães intrépido e seguro
A garganta embocou; de hum lado, e d'outro
Vê Vulcões vomitando, fumo, e fogo,
Praias cobertas d'horridos Gigantes,
O Ceo toldado sempre, e as vagas turvas
Rebentando em cachas, e naõ recúa
O feroz Magalhães! Tanto puderaõ
A vingança e valor! E arfando rompe
Por entre os braços da tormenta e morte,
N'Oceano pacífico naõ visto
Por Nauta Portuguez, antes que o vento,
Em furacaõ medonho arrebatado,
Dos negros mares do Japaõ fizesse,
Tanto aberrar o memoravel Piñto [1],
Que se engolfou sem rumo, e sem governo,
No mar, que banha os Papiás horridos.
Já na vasta campina aferra as Ilhas,
Onde o Fado lhe guarda a morte e a campa.
Em tanto a Náo victoriosa os mares

[1] Fernão Mendes Pinto, que podemos considerar como o primeiro viajante da Europa pelo que pertence á Asia, he em tudo hum homem benemérito da Pátria, e digno de memoria e estima universal. A historia de suas peregrinações he hum thesouro de erudição pelo que diz respeito á Asia até áquelle tempo incognita, e á China, de quem temos poucas relações exactas, ainda mesmo contando a descripção do Padre

Corta do China extremo, e desce, e embóca
O estreito, onde Maláca ad ar levanta
O muro, que o Malaio inda receia,
Onde com sangue barbaro escreveu
Seu nome, seus troféos da guerra o Nume,
Albuquerque terrivel. Negros Indos
Vem depois visitar, e passa ovante
Em frente do Indostão, onde espantosas
Bombardas soarão, que susto, e morte,
Tragañ até do Nilo á fonte, e ás boccas;
Cujo estampido horrendo o peito assuete
Do Bosforo ao Tyranno. A Africa ardente
Eis já descobre ao longe, e de Quilóa
Adustos areaes, o inhabitado
Austral Pólo demanda, envolto em sombra,
A' sôfrega ambição de Cook, impérvio
Monta e passa o medonho em mar, e em ventos,
Em tempestades tormentoso Cabo:
Seguindo o giro ao Sol, onde elle expira;
Náo mais digna do Ceo do qu'Argos fôra,

Du Halde, e a Historia de Martini. Sua lingoagem he puríssima e correcta, e talvez seja hum dos primeiros classicos Portuguezes. Foi o primeiro descobridor do Japão com Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto, e o que por força de hum temporal decahiu mais de 600 legoas da altura do Japão para as Costas d'America, e chegou ás Ilhas dos Papuás, Celebres, e Mindanús, vistas depois por Cook.

Digna do nome de Victoria-, afferra
 O porto donde a véla ao vento dando,
 Vingar fôra huma affronta, achar hum Mundo.

Milagre inda maior descubro em Lysia,
 Que o crédito excedeo de antigas éras,
 E que talvez em verso altisonante
 Hoje arranque das mãos do esquecimento.
 Magalhães absolveo do Mundo o giro,
 Em Náo possante assoberbando as ondas,
 Deo exemplo ao Britanno, e foi primeiro,
 He este o seu brazaõ, muitos o igualaõ;
 Mas Botelho [1] o venceo na audacia, e brio,
 Venceo La Hire e Dávis, que soltando
 Ao vento o leve panno o Globo inteiro
 Ousáraõ circular domando a furia
 D'horrisonos tufões caliginosos

[1] Da portentosa viagem em hum Caique ao Rio de Janeiro vemos hum ensaio em Diogo Botelho Pereira, nativo, como dizem, da Ilha de S. Miguel. Militava na India, sepultura naquelle tempo, como diz Luiz de Camões, de todo o pobre honrado, e achou-se com o Governador Nuno da Cunha na conquista, e entrada de Dio, Praça importantissima no golfo de Cambaia, e Praça que deviamos conservar como Portugueza, ainda que perdéssemos toda a India. ElRei D. João o III. tinha hum grande empenho na conquista desta Praça, que devia ser depois o maior theatro da gloria Portugueza nos dois memoraveis cercos, naõ sendo huma pequena parte desta

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06290 7434



